



CHOQUES CULTURAIS NO ENSINO SUPERIOR

Guia de leitura para estudantes internacionais e docentes: como transformar incidentes críticos em oportunidades de aprendizagem



Tabela de conteúdos

1. Boas vindas ao nosso guia.....	2
2. Navegar entre os icebergues das culturas.....	3
3. Porquê abordar choques culturais?.....	5
4. Guia prático para aprender com os choques culturais.....	8
5. Introdução à nossa coletânea de incidentes críticos.....	13

1. Bem-vindo/a!

A quem é dirigido este guia?

Esta é uma leitura dirigida a ti, caso sejas um/a estudante do ensino superior que planeie ingressar em programas de mobilidade internacional, caso já estejas a estudar fora ou caso pretendas entender posteriormente a experiência que tiveste. Damos também as boas vindas aos/às docentes e ao pessoal das instituições de ensino superior que, de alguma forma, estejam envolvidos/as na receção, acompanhamento, ensino ou preparação de estudantes internacionais. O guia tem uma linguagem de fácil leitura, sendo acessível a qualquer nível académico e a qualquer contexto disciplinar.

Qual é o propósito do guia?

Este documento pretende contribuir para o sucesso da mobilidade internacional, para assegurar que esta realmente se torne no que se pretende que seja: uma das formas mais inspiradoras e interessantes de aprendizagem, quer pessoal, quer academicamente. Para tal, gostaríamos de colocar a metodologia de incidentes críticos, desenvolvida pela psicóloga social francesa Margalit Cohen-Emerique, ao serviço de experiências de estudantes internacionais. Esta metodologia tem o objetivo de ajudar as pessoas a trabalharem sobre as diferenças culturais ou sobre as experiências vindas dos “choques culturais”. Sabemos que as “diferenças culturais” não são o único desafio durante a mobilidade internacional. Sabemos também que elas tendem a estar presentes e interferir em muitos aspetos e domínios da vida, onde as pessoas não esperam que a cultura tenha impacto, e que as pessoas habitualmente negam o impacto da cultura, mesmo quando esta é a primeira explicação para comportamentos que, à primeira vista, parecem “estranhos”.

Como é que este guia está estruturado?

Iniciamos por uma breve introdução teórica que explica o conceito de “choque cultural” ou “incidente crítico”. De seguida, apresentamos um guia prático que te permitirá identificar e compreender as tuas próprias experiências de choque cultural. Por fim, apresentamos a nossa coletânea de incidentes críticos, que resultam de uma investigação levada a cabo com estudantes internacionais. Através da descrição de zonas sensíveis conseguimos identificar os obstáculos e desafios recorrentes no processo de adaptação, apresentando uma revisão de literatura para um entendimento mais aprofundado destes temas.

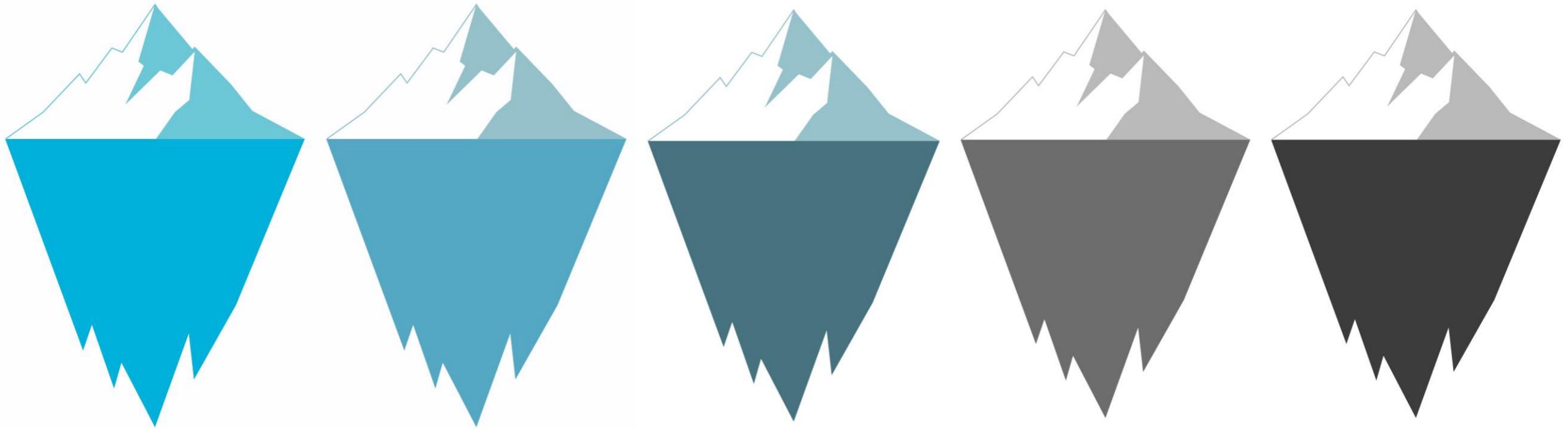
2. NAVEGAR ENTRE OS ICEBERGUES DAS CULTURAS

O icebergue é, provavelmente, a metáfora favorita dos formadores interculturais, e por uma boa razão: eles captam uma verdade fundamental sobre a “natureza da cultura”. Considera que: onde quer que estejas, estás rodeado por sinais culturais. Agora olha à tua volta; estás provavelmente à frente de um computador, sentado numa cadeira, dentro de um ambiente construído, uma sala, estás provavelmente vestido de uma forma específica. Poderás ouvir o barulho de outros humanos a interagirem. À tua volta poderão existir objetos decorativos, livros e até mesmo plantas. Todos estes itens são perceptíveis, visíveis: eles são a parte visível do icebergue acima do nível da água. Mas, para que os possamos entender na sua totalidade, temos de ir tocando numa bagagem vasta de valores, regras, representações que dão o real significado a estas manifestações culturais. Estas, semelhantes às partes submersas do icebergue, são habitualmente invisíveis para nós.

Tomemos o vestuário como exemplo. Para ter um entendimento mais preciso do motivo pelo qual uma pessoa está a usar aquela vestimenta em particular, poderemos ter de entender diversos elementos da sua identidade e da sua posição cultural, num conjunto de valores alargados. Com que género é que ela/ele se identifica? Será que elas/eles seguem as prescrições que esperam acentuar as diferenças de género em vez de as diminuir? Quais são as suas crenças quanto às partes do corpo consideradas públicas ou privadas? O que é que ela/ele tem de tapar de forma a que se sinta “decente”? Será que ela/ele sente a necessidade de expressar a pertença a um determinado grupo? Ela/ele usa um uniforme? Ou são as características não formais, mas mesmo assim esperadas, que refletem a pertença a uma subcultura musical, a uma posição política, uma orientação sexual?

O que é válido para as questões de vestuário, é válido para cada ferramenta cultural, comportamento, manifestação e espaço. Poderíamos desconstruir cada um deles da mesma forma, como fizemos com o vestuário e, lentamente, poderíamos despir a ilusão da nossa neutralidade cultural. Tal como no conhecido filme do “Matrix”, onde o protagonista Neo entende a codificação informática de cada elemento da Matrix, podemos entender que as codificações culturais sustentam todas as manifestações culturais. No entanto, existe uma diferença fundamental entre a codificação digital do Neo e as nossas codificações culturais. Ao contrário do que acontece com o código binário da Matrix, nós temos um número virtualmente infinito destes códigos.





Podemos pensar que cada cultura tem o seu icebergue. O que, em cada indivíduo, tem sido mais aculturado em diversos grupos culturais terá uma qualquer constelação única de valores culturais, normas e representações que ele ou ela irão mobilizar quando interpretarem um fenómeno cultural. De facto, até mesmo alguns/algumas de nós que sempre vivemos no mesmo país (assim como os seus pais e avós) carregamos uma pluralidade de bagagens culturais, referentes à região, religião, ponto de vista político, classe social, orientação sexual, identidade de género, etc.

Regressando ao vestuário: “minissaias”, para alguns icebergues, irão significar uma estratégia vulgar para atrair a atenção. Enquanto outros irão ver na mesma minissaia uma declaração da liberdade da mulher para ter a total propriedade do seu corpo. Contudo, para alguns, é meramente uma peça de vestuário confortável. Em grau de complexidade similar está o hijab, uma espécie de véu usado por mulheres muçulmanas. O mesmo adereço tem sido acusado de ser uma forma de opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, tem sido um meio para que as mulheres muçulmanas inventem estratégias para ter uma identidade moderna, feminista e muçulmana.

O problema é que, mesmo que haja uma grande diversidade de icebergues, nós tendemos a ler as manifestações, comportamentos, objetos de outras culturas através dos nossos próprios icebergues. E isto, na maior parte do tempo, irá originar erros. Em primeiro lugar, erros de significado e depois, erros de julgamento de intenções. A jovem mulher que associa a liberdade

à possibilidade de mostrar as partes do corpo que ela quer irá julgar a mulher jovem que usa véu como oprimida ou conservadora, e vice-versa: a jovem mulher que associa a decência ao ato de cobrir mais partes do corpo irá interpretar as pernas expostas como uma opressão internalizada e uma exposição aos olhares masculinos. E assim ocorre com todos os outros exemplos: a disposição hierárquica numa sala de aula poderá significar a garantia de uma educação séria, enquanto para outras pessoas indicia falta de pensamento crítico e um estilo pedagógico antiquado e ultrapassado. Chegar 20 minutos atrasado/a a uma reunião poderá significar falta de respeito para algumas pessoas, enquanto para outras é o tempo certo para se chegar.

A mensagem principal aqui é que nós associamos sentidos, normas e valores diferentes ao mesmo comportamento. E sempre que os diferentes icebergues colidem, é muito provável que as pessoas interpretem o comportamento umas das outras atribuindo características internas, predisposições e intenções. Frequentemente, estas colisões são acompanhadas por emoções relativamente intensas. Quando tal acontece, o que emerge da colisão dos nossos icebergues culturais é aquilo a que chamamos “choque cultural”.

Porquê abordar “choques culturais”?

A primeira tradição de formações interculturais era focada na transferência de informação sobre culturas específicas: como entender o uso que os japoneses dão ao espaço, o sentido de humor húngaro, a eloquência francesa, a identidade belga, etc. No início da sua carreira, Margalit Cohen-Emerique também desenvolveu formações para os trabalhadores sociais Franceses, para que fossem capazes de atender às necessidades dos seus novos clientes, recentemente estabelecidos em França, como parte da diáspora judaica. Contudo, ela verificou que as suas formações baseadas em história, antropologia cultural, psicologia da identidade não tinham impacto suficiente na prática dos trabalhadores sociais que ela formava: em algumas situações eles não aplicavam o novo conhecimento adquirido na especificidade do seu grupo cultural, enquanto que noutros eles tentavam agarrar-se a elementos da informação transferida, mesmo quando estes pareciam não se inserir no contexto de um cliente em concreto.

As observações de Cohen-Emerique vão de encontro às críticas gerais sobre o que é designada a abordagem específica da cultura:

- Por um lado, é impossível ter informação válida e permanente de regras culturais, valores, comportamentos que sejam generalizáveis a todos os grupos culturais e aos seus membros, devido à natureza dinâmica e a mudanças permanentes que caracterizam cada cultura, assim como à diversidade de experiências individuais dos seus membros.
- Por outro lado, parece ser extremamente difícil aplicar devidamente este tipo de informação em situações concretas: de um certo modo, o conhecimento antropológico é difícil de transpor para as interações concretas do nosso dia-a-dia.

Para responder aos desafios que identificou, Cohen-Emerique desenvolveu uma abordagem e uma metodologia que tem sido largamente utilizada em França nos últimos trinta anos, na formação e supervisão de profissionais do serviço social e dos setores de saúde que trabalham com pessoas de “outras culturas”. A abordagem intercultural de Cohen-Emerique é baseada em três passos, cada um deles baseado em métodos de formação e ferramentas diferentes, que requerem o desenvolvimento de diferentes competências.

2.

Porquê abordar “choques culturais”?

- Familiarizar-se com a nossa definição de “choque cultural” ou “incidente crítico”
- Entender de onde vêm os choques culturais e o que eles implicam
- Entender de que forma as experiências sobre choques culturais podem ser poderosos meios de formação – para a preparação para mobilidade internacional ou para o acolhimento de estudantes internacionais

Etapas do método dos incidentes críticos

1. Descentração
2. Descoberta do esquema de referências culturais do(s) outro(s)
3. Negociação

a) Descentração

O primeiro passo – descentração – é baseado no reconhecimento de que se existe um conflito não é mera consequência do outro culturalmente diferente, mas da interação entre dois quadros de referência cultural diferentes. Desta forma, descentrar convida-nos à exploração do envolvimento dos nossos próprios modelos culturais, práticas, regras e à forma como elas entram em interação com os valores/regras/expectativas do outro.

É assumido que a descentração é necessariamente o primeiro passo, no qual a observação dos nossos quadros culturais de referência atua como filtro – pensemos na metáfora dos óculos enquanto representação da cultura –, enviesando a forma como vemos o mundo exterior. Descentrar faz com que seja possível tirarmos estes óculos culturais, o suficiente para que possamos ver a sua cor, as suas formas, e.g., para entender melhor como filtramos a nossa leitura sobre a outra pessoa. Além disso, é muito mais fácil sistematizar e atribuir significado ao nosso conhecimento sobre as outras culturas, depois de termos adquirido alguma perspectiva sobre a nossa própria cultura. Por exemplo, é mais fácil entender (o que não significa que se aceite) os tabus culturais acerca de refeições – o que é comestível e o que não é – uma vez que tenhamos descoberto que a nossa própria cultura também esboça tal linha: talvez para nós sejam as ostras e os caracóis que habitualmente não são categorizados enquanto comida, talvez seja porco, talvez todos os seres que tenham olhos, mas habitualmente existe a tal linha e a questão é meramente onde está essa linha. Finalmente, é da nossa natureza considerarmos que nós próprios – a nossa própria cultura – tem maior grau de complexidade, enquanto aceitamos mais facilmente simplificações sobre as culturas de outros. Adquirirmos, em primeiro lugar,

maior consciência sobre a nossa própria cultura talvez nos possa ajudar a ficarmos mais conscientes deste viés e a termos assunções menos simplistas sobre os outros. Esta primeira fase implica a aquisição de ferramentas que promovam a autoconscientização, a autopercepção, a tomada de consciência e a identificação de emoções.

As competências chave desta fase são:

Uma competência crucial é a capacidade de dar um passo atrás numa situação potencialmente delicada e tentar resistir à necessidade de procurar imediatamente uma resposta e julgamento sobre o outro (“Como podem eles oprimir as mulheres, forçando-as a esconder as suas faces e as suas curvas corporais?”) e, em vez disso, centrar a atenção em nós próprios (“Por que é que é tão importante para mim escolher de que forma me quero vestir? Por que é que é importante para mim mostrar a minha cara e as minhas curvas corporais?”).

b) Descoberta do esquema de referências culturais do outro

Quando ganhamos consciência das nossas próprias regras, valores e representações culturais, estamos prontos/as para ter uma visão mais clara do outro. Os objetivos desta fase são:

- Ter uma ideia mais elaborada acerca dos valores, regras e padrões culturais de pessoas de outras culturas;
- Ultrapassar assunções simplistas e estereótipos;
- Tomar consciência da multiplicidade de fatores que podem influenciar os quadros de referência do outro.

Nesta fase adquirimos ferramentas de antropólogos culturais para observar, entrevistar, analisar padrões culturais e criar “grelhas” que facilitam a consideração de elementos contextuais (e.g., para profissionais que trabalhem com imigrantes, uma “grelha” útil irá ajudá-los a determinar em que medida o cliente está “integrado” ou “aculturado” na nova sociedade, assim como ajudará a evitar a fixação de valores e padrões da cultura de origem que a pessoa já não segue).

As competências chave para esta fase são:

Atrever-se a ser curioso: Cohen-Emerique observou que quando entramos em contacto com membros de culturas desconhecidas para nós, ficamos habitualmente presos às nossas pré-concepções, simplesmente porque não nos atrevemos a ser curiosos e a investigar, pelo medo de invadir a privacidade do outro e o seu direito de ser “invisível”, enquanto entidade cultural diferente da maioria. É devido a este medo de intrusão que não nos atrevemos a perguntar o significado de um comportamento/regra que é estranho/a para nós, mesmo quando temos a oportunidade de entender realmente tal comportamento ou regra.

- Observação (e.g., ser capaz de verificar que, no Japão, é baixa a frequência de apertos de mão, enquanto ritual de saudação).
- Relacionar as observações de uma forma sistémica com o nosso conjunto de conhecimentos e práticas (e.g., alargar as nossas representações sobre o que um ritual de saudação deve ser, ao aprender gradualmente acerca das delicadas nuances da vénia).

c) Negociação

O terceiro passo, negociação, implica descobrir uma solução para um problema em concreto, de uma forma que respeite, o máximo possível, as identidades de ambas as partes. Nesta fase, somos convidados a desenvolver as competências de comunicação e as atitudes que favorecem os processos de negociação.

As competências chave desta fase são:

- Reconhecer a validade e a importância dos valores e regras culturais do outro (se considerarmos as regras do outro como inferiores ou impróprias, é improvável que consigamos negociar).
- Escuta ativa, comunicação não violenta: escutar o outro, sem focar apenas no que pretendemos alcançar e na nossa própria linha limite.
- Resistência à necessidade de desfecho: evitar o nosso desejo genuíno de cessar a comunicação e terminar a relação em situações emocionalmente desafiantes e situações ameaçadoras.
- Consciência da diversidade cultural da comunicação verbal, paraverbal e não verbal, capacidade de ajustar a comunicação ao repertório do outro.



3.

Guia prático para aprender com os choques culturais

- Aprender acerca de métodos de acesso fácil para trabalhar as nossas próprias experiências relacionadas com choques culturais
- Como identificar se estás a ter um “choque cultural”?
- Como analisar um choque cultural?

Identificando choques culturais

O primeiro passo da abordagem da Cohen-Emerique consiste em tornarmo-nos conscientes dos nossos próprios quadros de referência culturais. Mas como conseguir isto quando as regras e valores culturais nos são notoriamente escondidos? Tal como o peixe está rodeado por água, nós estamos rodeados pela cultura, nós próprios somos o resultado da cultura, tanto que raramente temos a perspetiva privilegiada de refletir sobre isso. De facto, a melhor situação onde ganhamos alguma perspetiva sobre a nossa própria bagagem cultural é durante encontros com outras culturas, onde a alteridade da outra cultura nos ajuda a tornar visível o que é habitualmente invisível. Entre estes encontros, aqueles que providenciam uma maior visibilidade são os “choques culturais”.

O que é um choque cultural?

O conceito de “choque cultural” tem sido utilizado numa variedade de definições e perspetivas, portanto, vamos começar por clarificar como o entendemos.

Choque cultural é uma interação com uma pessoa ou objeto de uma cultura diferente, que ocorre num espaço e tempo específicos, e que proporciona uma reação afetiva ou cognitiva negativa ou positiva, uma sensação de perda de pontos de referência, uma representação negativa de nós próprios e um sentimento de falta de aprovação, que pode levar a um aumento do sentimento de mal-estar e raiva.

(Cohen-Emerique 2015:65)

Vamos realçar alguns dos elementos chave desta definição:

♣ *O choque cultural é sobre as experiências reais das pessoas, não sobre as fantasias, não sobre as teorias acerca do que poderia ser uma fonte de tensão ou conflito, mas sobre situações que realmente ocorreram quando suspeitamos que as diferenças culturais poderão ter desempenhado um papel importante.*

♣ *A diferença cultural pode ocorrer em vários níveis diferentes. Utilizamos o conceito de “cultura” no seu sentido mais vasto para incluir a diversidade de interpretações: nacionalidade, religião, etnia, idade, orientação sexual, cultura de classes e de profissão, etc.*

♣ A nossa definição de choque cultural está associada a um tempo e espaço limitados: tem um início, um fim e ocorre num local muito concreto.

♣ *Emoções que apontam para um choque cultural:* as emoções (positivas ou negativas) atuam como indicadores, apontando para onde terá acontecido algo importante, talvez porque ameaçou uma regra ou valor que nos é querido, ou talvez porque vai contra as nossas expectativas. Em qualquer caso, determinadas emoções acompanham uma experiência de choque cultural e é assim que conseguimos detetar que já o experienciamos. Por vezes, é num sentimento difuso de estar perdido, mas poderá ser num sentimento de raiva, repugnância ou fascínio muito poderoso...

♣ O choque cultural pode ser positivo ou negativo: nem todas as experiências dos choques culturais são negativas, algumas pessoas experienciam choques culturais positivos, por exemplo quando os moradores das cidades encontram os Yanomamis que vivem na floresta, percebendo-os como pessoas que vivem em 'total harmonia com a natureza'. Positivas ou negativas, as experiências tendem a motivar-nos a criar uma imagem simplista do outro, em vez de tentar compreendê-los na sua total complexidade.

♣ *O choque cultural pode inspirar julgamentos:* Em algumas situações de choque cultural testemunhamos um comportamento que quebra uma regra que é valorizada (e.g.: alguém que termina uma refeição com um arrote alto) e a interpretação é quase sempre automática: que rude, que indelicado. Noutras situações, cometemos erros culturais, quebramos regras e somos lembrados dos nossos erros e, dependendo do nosso caráter e da severidade da situação, podemos sentir vergonha e culpa ("eu já deveria saber"). De qualquer das formas, é muito fácil terminar uma situação com um julgamento negativo dos outros ou de nós próprios. Um dos motivos é que

estas situações tendem a ser desagradáveis e tentamos terminá-las o mais rápido possível. O julgamento é uma boa forma de o fazer: não necessitamos de investigar, tentar entender o outro, caso estejamos convencidos de que eles foram fundamentalmente rudes, sexistas, autoritários, etc. O julgamento pode facilmente atribuir um significado e satisfazer a nossa necessidade de obter uma explicação.

CHECKLIST PARA O CHOQUE CULTURAL

Baseada na discussão prévia acerca dos elementos chave, aqui encontra-se uma *checklist* que poderá ajudar a identificar se o que experienciaram pode ser qualificado de "choque cultural".

- Experienciaste esta situação por ti próprio/a num contexto, tempo e espaço específico.
- Experienciaste uma reação emocional: a situação fez-te sentir de uma determinada forma.
- O incidente foi desencadeado por uma pessoa/grupo de pessoas ou objeto de um contexto sociocultural diferente do teu.
- O motivo do incidente é, provavelmente, alguma forma de diferença cultural: fizeste um esforço por considerar fatores situacionais e eles não foram suficientes para explicar a situação. (Fatores culturais, situacionais e pessoais influenciam em simultâneo o nosso comportamento; separá-los é um dos objetivos deste método).

Um exemplo

Este é um exemplo de um choque cultural, para vos mostrar como ele poderá ser:

"Durante um seminário de doutoramento, numa universidade parisiense, eu reparei que o professor se dirigia aos/às estudantes com o informal "tu", enquanto os/as estudantes se dirigiam a ele com o formal "você". De início, nem estava a acreditar no que ouvia. Isto fez com que eles parecessem tão arcaicos e retrógrados..."

Relatado por um/a estudante internacional, Paris 2018.

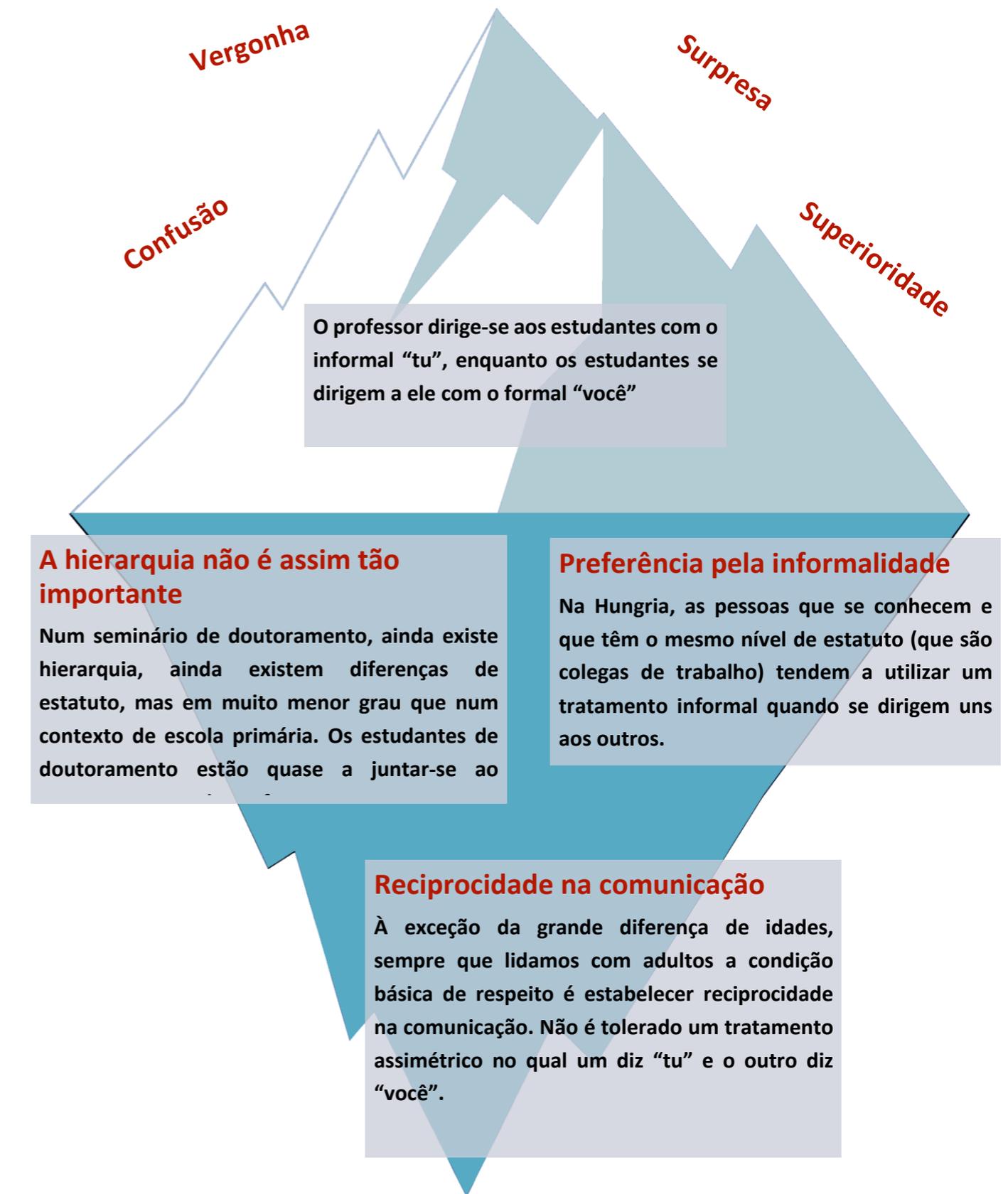
Seguidamente, iremos dar-vos instrumentos para que possam analisar as vossas experiências, aprender com elas, mudar a vossa perspetiva e regressar às três etapas (descentração/ explorar o quadro de referência do outro/ negociar). Iremos orientar-vos para as questões mais importantes a responder e ajudar-vos a entender melhor o que aconteceu (e como o evitar, no melhor dos casos, no futuro).



Analizando os teus choques culturais

Em primeiro lugar, **não te culpes**. A culpa é uma característica comum de experiências de incidentes críticos. Como se muitos de nós tivéssemos esta expectativa particular de que nada nos surpreende, nada nos tira do equilíbrio. Mas, na verdade, não faz mal perder o equilíbrio, Não faz mal ficar chocado.

1. **Toma nota da experiência!** O melhor é escreveres a experiência logo que a vives. Sem interpretações, somente a tentar ser fiel ao que aconteceu e como te fez sentir. Toma nota dos protagonistas e dos elementos do contexto, pois poderá ser mais difícil mais tarde.
2. **Dá importância aos sentimentos** que tens. Toma consciência das emoções, tenta identificá-las, sem as aumentar e sem agir sobre elas. Lembra-te: os sentimentos não são um fardo desnecessário do qual nos devemos livrar, mas indicadores que contêm informação importante. Anota as emoções à volta do topo do teu icebergue.
3. Assim que tenhas escrito todo o incidente, tenta **resumir o elemento objetivo/ visível da sua origem numa frase**. "Objetivo" e "visível" significa que uma pessoa externa poderia ver a mesma coisa. Para já, não incluis as tuas interpretações. Para o incidente anterior, esta frase seria "O professor dirige-se aos estudantes com o informal "tu", enquanto os estudantes se dirigem a ele com o formal "você". Escreve esta frase no topo do teu icebergue.
4. **Explora as tuas representações, valores, normas, ideias, preconceitos, e.g., o teu "quadro de referências culturais"**. Aqui, estamos a tentar descobrir os elementos do teu sistema de crenças que poderá ter tido impacto na situação. Provavelmente, já tens consciência acerca de alguns destes elementos, mas outros poderão ser completamente inconscientes. Tem cuidado, o simples facto de não teres consciência acerca de um valor, não quer necessariamente dizer que tu não o segues. Por favor, escreve estes elementos na parte submersa do teu icebergue. Para cada valor que tenhas pensado (e.g. "individualismo"), tenta formular uma frase que deixe claro como é que esse valor é relevante na situação.



Questões 2-4: "Icebergue" do/a narrador/a

Compreendendo “o outro lado”

5. Explora as representações, valores, regras, preconceitos, e.g., quadro de referências da(s) outra(s) pessoa(s) na origem do choque. Tem consciência do facto de que a outra pessoa não está ali contigo para concordar com as tuas ideias, portanto só podes emitir hipóteses. Contudo, tenta colocar hipóteses o mais elaboradas que consigas. Por favor, escreve estes elementos no icebergue relativo à(s) outra(s) pessoa(s). Para cada título principal (e.g. “individualismo”), por favor, inclui alguma explicação sobre como os valores são relevantes na situação.

6. Identificar pontos de aprendizagem: Será que a situação evidencia algum problema relativo à prática profissional ou, no geral, em relação aos desafios de estudantes internacionais em mobilidade ou de como se lida com a diversidade na universidade?



A hierarquia é importante

O estatuto superior deve ser valorizado e o respeito por ele deve ser expresso. A confirmação do reconhecimento da hierarquia é mais importante do que dar as boas vindas aos estudantes de doutoramento de uma forma horizontal.

Preferência pela formalidade

Há uma tendência para o formalismo, atribuindo importância à forma como as mensagens são expressas. A formalidade é também um meio de manter as identidades profissionais e pessoais separadas. Mesmo que as pessoas trabalhem juntas, elas podem tratar-se umas às outras com formalidade.

A necessidade de reciprocidade pode ser suspensa

É considerado mais importante dar mais espaço para a expressão de valores, tais como a hierarquia.

Questão 5: “Icebergue” da outra pessoa

5. Introdução à nossa coletânea de incidentes críticos

- Qual é o nosso repertório de incidentes?
- De onde vêm estes incidentes?
– O processo de recolha e análise
- Apresentação das “zonas sensíveis”
- Como utilizar a coletânea de incidentes

Qual é o nosso repertório de incidentes?

Entre Janeiro e Maio de 2019, as instituições parceiras envolvidas no projeto SOLVINC recolheram e analisaram 35 experiências de choques culturais diferentes. A maioria delas foi relatada por estudantes internacionais, enquanto outras foram relatadas por estudantes locais, docentes e pessoal. O nosso desejo de incluir os choques culturais experienciados por estudantes locais e por docentes não pretendia mostrar como os estudantes internacionais “provocam” e criam dificuldades. Pelo contrário, queríamos mostrar que o facto de experienciar diferenças culturais pode ser desafiante, mesmo que estejamos fora do nosso ambiente cultural habitual.

De onde vêm estes incidentes?

Os incidentes foram recolhidos através de estudantes e faculdades nas seguintes Universidades: Universidade do Porto, Spoleczna Akademia Nauk, Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Universität Wien e, finalmente, em diversas universidades francesas com docentes e estudantes que colaboram com a Elan Interculturel.

Como é que os incidentes foram recolhidos e analisados?

Parte dos incidentes foram recolhidos através de *workshops* e outros através de entrevistas. Todos os incidentes foram analisados com a participação dos/as narradores/as. Na análise adotamos a grelha proposta por Margalit Cohen-Emerique, seguindo os passos apresentados na secção prévia (“Guia prático para aprender com os choques culturais”).

Apresentação das “zonas sensíveis”

- Comunicação
- Género
- Identidade
- Diversidade
- Hierarquia
- Colonialismo
- Perceção do tempo

Quais são as zonas sensíveis e porque é que elas são tão “sensíveis”?

As “zonas sensíveis” são os campos mais suscetíveis para o desencadeamento de desentendimentos, tensões e conflitos em encontros interculturais. É importante clarificar que a característica “sensível” não é inerente ao campo em questão – e.g., não há nada inerentemente sensível no campo da sexualidade e do género.

Zonas sensíveis identificadas na pesquisa SOLVINC

Os 35 incidentes analisados no projeto SOLVINC ocorrem em sete principais zonas sensíveis. Estas zonas não criam uma completa separação de conjuntos de incidentes. De facto, a maioria dos incidentes críticos toca os vários temas abaixo descritos. Contudo, eles também exemplificam uma ou outra zona mais sensível de forma explícita, tendo sido esse o critério considerado na primeira categorização. Por exemplo, poder-se-ia dizer que não existe nenhum incidente que não envolva as questões de “comunicação” – e estaria correto. Mas alguns destes incidentes são particularmente úteis para evidenciar as principais diferenças culturais que caracterizam a nossa forma de comunicar.

COMUNICAÇÃO

Não há choque de culturas sem que haja uma qualquer forma de comunicação, muitos dos incidentes críticos surgem em interações. Contudo, realmente, alguns destes incidentes ocorrem devido a abordagens diferentes à comunicação. De facto, as diferenças abundam em todas as formas de comunicação: verbal, paraverbal, não-verbal ou contextual. Também existem diferenças transversais, que podem surgir em qualquer um destes níveis. Os incidentes aqui classificados dão-nos uma visão geral da vasta variedade de diversidade cultural que podemos esperar em relação às práticas de comunicação.

GÉNERO

Será que nós esperamos que homens e mulheres se vistam, falem, trabalhem da mesma forma? Ou pretendemos fazer distinções entre aparência, papel, estatuto ou estilo de comunicação que cada um/a deve ter? Mais: imaginaremos nós o género como uma variável binária ou como uma continuidade, com diferentes posicionamentos possíveis? Poderemos nós imaginar mais do que dois géneros? Até que ponto é que esperamos que o género interfira com a vida universitária? Esta secção oferece um olhar sobre incidentes em que as diferentes conceções e ritualizações de género desencadeiam desentendimentos e tensões.

IDENTIDADE

Uma das dimensões mais abordadas em termos de diferença cultural é o individualismo-coletivismo: a tendência para pensar em si próprio como um indivíduo único, definido pelas suas experiências de vida, personalidade e conquistas ou enquanto membro de grupos e relações sociais diferentes. Para além desta distinção, também consideramos uma perspetiva diferente: como é que as situações intergrupais ou as experiências de mobilidade internacional influenciam ou estruturam a identidade? Que implicações é que os grupos minoritários/maioritários têm na nossa identidade? Como é que as pessoas lidam com as dinâmicas e expectativas da aculturação?

HIERARQUIA

Como determinar quem tem mais estatuto? Como nos relacionamos com as pessoas de estatuto mais elevado? Teremos de realçar ou esconder as diferenças de estatuto? Estas questões não têm respostas universais. Em alguns contextos culturais, realçar as diferenças de estatuto é mais importante; noutros são favorecidas as formas de tratamento mais horizontais, mesmo quando existem diferenças de estatuto. Esta secção ilustra diferentes abordagens e manifestações de hierarquia e distância ao poder.

DIVERSIDADE

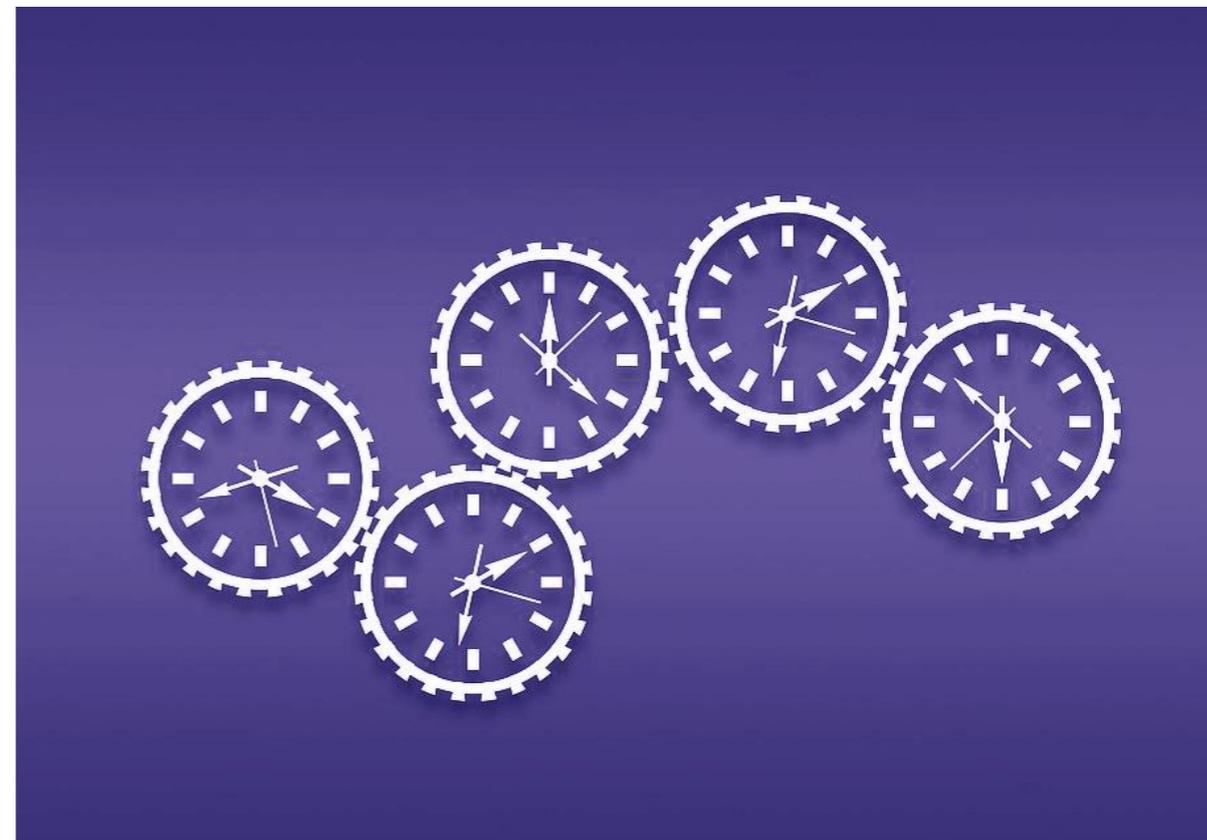
Todos os choques culturais são resultado da diversidade cultural, mas alguns são realmente desencadeados pelas reações das pessoas às diferenças culturais ou focam-se especificamente na forma como a diversidade é gerida. Alguns incidentes nesta secção ilustram a utilização de estereótipos e as dinâmicas de discriminação e preconceito. Outros lidam com a tensão entre uma abordagem universalista e individualista perante a diversidade e mostram-nos como é desempenhado um papel politicamente correto neste debate. Por fim, alguns incidentes apontam para a dificuldade de reconhecer uma hierarquização de necessidades diferente.

COLONIALISMO

O período colonial europeu terá chegado oficialmente ao fim com a descolonização que ocorreu a partir da Segunda Guerra Mundial, mas o colonialismo continua muito presente, com múltiplas facetas, reforçando a discriminação e a exclusão de pessoas com base em diversas características. Não é uma questão do passado nem que diga respeito apenas a países com passado colonial. Poderá haver, por exemplo, um impacto na dinâmica interpessoal ou intergrupala dos/as estudantes pertencentes a antigos países colonizados ou colonizadores, mas também na forma como a produção ou transmissão do conhecimento é condicionada pela língua dominante e pelos mecanismos de financiamento, ou ainda nas muito diversas formas de discriminação sofridas por pessoas de grupos sub-representados.

PERCEÇÃO DE TEMPO

O que significa a pontualidade? Quando é que uma aula realmente começa, estando agendada para as 10 horas da manhã? Poderemos agendar uma aula às 8 horas da manhã? Se passarem 15 minutos depois da hora a que a aula deveria começar e não estiver ninguém na sala, poderemos deduzir que a aula é cancelada? Esta secção explora as diferenças culturais no sentido da imaginação, abordagem e gestão de tempo. De uma forma mais precisa, ela centra-se na dimensão principal das diferenças: gestão de tempo policrónica ou monocrónica.



Como utilizar a nossa coletânea?

ONLINE TOOL TO LEARN FROM CRITICAL INCIDENTS

SOLVINC PROJECT WEBSITE

READER OF CULTURE SHOCKS

SEARCH: SENSITIVE ZONES

NATIONALITIES

SITUATION



Breve guia do utilizador para a nossa coletânea

Nesta secção final gostaríamos de apresentar algumas recomendações para utilização da coletânea dos incidentes críticos.

Na página inicial, cada imagem é uma janela de uma “zona sensível” específica. Ao entrar numa janela, poderão ler sobre as experiências de choques culturais analisadas, que foram recolhidas com estudantes e pessoal de instituições de ensino superior, e que ilustram as zonas sensíveis. Se pretenderem, podem também pesquisar na nossa base de dados usando as caixas de pesquisa no canto superior direito. Por exemplo, podem escolher os incidentes onde protagonistas de nacionalidades específicas foram envolvidos, ou incidentes que ocorreram numa situação específica (por exemplo: sessão plenária de turma, cafetaria, etc.).

Para facilitar a leitura e torná-la mais prática, os nossos incidentes são apresentados *online*, separadamente. Assim que se entra na base de dados, quer seja através das “zonas sensíveis” ou através dos “países” ou “situação”, podem clicar ou descarregar os incidentes críticos individuais.

Precauções acerca da coletânea

Confidencialidade. Para respeitar a privacidade dos/as nossos/as narradores/as, alteramos todos os seus nomes nos incidentes. Por favor, não procurem investigar quem eles/as são.

Validade – generalizações conscientes. Poderás já ter entendido que o nosso método é relativamente subjetivo e contextual. Os incidentes que irás ler foram relatados por indivíduos da vida real, que representam constelações individuais de identidades culturais e experiências de vida muito específicas. Alguns incidentes apontam mais para características culturais gerais do que outras, alguns são mais generalizáveis do que outros. Por esta razão, não apliques o que lês aqui de forma automática para explicar o comportamento de outras pessoas da mesma nacionalidade ou contexto cultural. Sê consciente da diversidade de identidades culturais que cada um/a de nós tem e da tremenda importância dos fatores pessoais e contextuais.

CC-BY-NC-SA



Este documento pode ser copiado, reproduzido ou modificado de acordo com as regras acima referidas. Adicionalmente, o reconhecimento dos/as autores/as e de todas as partes aplicáveis do aviso de direitos de autor deve ser claramente referenciado.

Todos os direitos reservados.

© Copyright 2020 SOLVINC

Parceiros do Projeto:

Academia de Ciências Sociais SAN, Polónia

Universidade de Viena, Áustria

Elan Interculturel, França

Universidade Johannes Gutenberg Mainz, Alemanha

Universidade do Porto, Portugal

